

EU, CLARICE

Ana Laura Moraes Martinez

2015

PRÓLOGO

Cada vida humana que nasce é uma aurora. Antes de cada nascimento, misterioso e enigmático, uma claridade se acende, em algum lugar, anunciando que o milagre da vida se deu. Hora de esperança, medo e temor. A vida é como um dia. Caminhamos da aurora ao crepúsculo. Do encantamento da luz ao mistério da noite. Viver e morrer: duas notas de uma melodia só.

Meu nascimento

Nasci no dia vinte e três de julho de mil novecentos e setenta e oito, à meia-noite e quinze, no Hospital Nossa Senhora da Consolação. Curioso já nascer precisando de consolação.

Meu nome de batismo é Clarice Nunes Mariano. Mariano por parte de pai, Nunes por parte de mãe. Sempre tive curiosidade de saber a história das coisas e por isso perguntei à mamãe, certa vez, porque me deu este nome. Sua resposta foi:

- *Quero que você encontre a luz que eu nunca achei... Você será clara, minha filha.*

Responsabilidade imensa para uma pequena vida que acabava de despontar, não é? Encontrar a luz que a minha mãe, por desatenção ou falta de sorte, nunca encontrou.

Portanto, já nasci com uma missão nada fácil. Descobrir a luz nunca encontrada por minha mãe.

Sugiro que você investigue qual sua missão secreta nessa vida. Todos nós temos uma. É mais ou menos como uma herança, maldita ou bendita, que os nossos pais nos deixam sem saber. Podemos herdar ouro, mas também promissórias impagáveis que, quase sempre, vêm se arrastando gerações a fio porque alguém, na família, decidiu que não queria saber delas e as passou adiante. É mais ou menos assim que funciona a vida de uma criança: quando nascemos já há um *script* pronto, um papel que temos que desempenhar. A desgraça é que ninguém nos avisa que papel é este. Temos que descobrir por conta própria.

Bem, mas voltemos ao início.

Eu nasci e concretamente isso não significou grande coisa para o universo. Mozart, Beethoven, Bach, Aristóteles, Sófocles, Homero, Einstein, todos eles, muito mais sábios e evoluídos que eu, também nasceram e morreram. Grande coisa, diz o universo. Se você chama isso de pessimismo da minha parte, eu chamo de realismo.

Sina ou não, eu já nasci bem realista. Nunca gostei de enganações para cima de mim.

Bem, mas já que estamos todos aqui como inquilinos, e temos que encontrar algo de útil para fazer até que a morte venha, decidi escrever minha modesta história.

Fica a seu critério lê-la ou não. Mas se a ler, saberá aos poucos, que não é uma história muito diferente da de qualquer outro ser humano: tem pequenas tragédias, alguns momentos cômicos, crises, frustrações, amor, drama e morte. Nada muito diferente de qualquer outro *script*. O que há de especial nela – se é que há – é o fato de eu estar imbuída de um sincero desejo de encontrar algum sentido nesta lógica ilógica vida.

Então, se você decidiu me acompanhar, ou porque não tem nada melhor para fazer, ou porque também não sabe muito bem qual o sentido da vida, basta me seguir.

- *Coragem!*

Vou começar contando alguns detalhes do meu nascimento. Sei que ninguém gosta de saber disso: sangue, restos de placenta, bebê roxo etc. Mas tirando estes detalhes um pouco nojentos, você vai concordar comigo que há uma certa poesia no ato de nascer. Eu sempre me emociono vendo partos pela televisão.

- *Você não?*

Acompanhe minha narrativa. Irei me esforçar para levá-lo de volta à metamorfose gosmenta e assustadora que é um nascimento. Espero que eu consiga, usando somente estas fracassadas palavras, que é tudo o que tenho.

Vejo tudo borrado. Não posso ainda dizer que vejo, porque nem sei que tenho olhos, ouvidos, mãos, cabeça e pés.

- *Onde estou?* Pergunto esgoelando, embora ninguém me entenda.

Também não posso dizer onde eu estou, porque não sei que eu existo. Sou um nada. Sopro de consciência.

Minha mãe me contou que eu nasci roxa e muito cabeluda. Tinha pelos por todo o meu corpo. Coitada, ela deve ter se assustado, embora, por educação ou amor, nunca tenha me dito nada a respeito. Acho que nasci um pouco bicho. Uma mistura de loba e criança, talvez.

Na minha primeira hora de vida respiro com dificuldade. Ainda não sei respirar fora da água.

- *Como é que se faz isso mesmo? Alguém pode me ajudar... Estou apavorada. Sinto algo se movimentar dentro de meu pequeno corpo, mas não sei o que é. Minha barriga mexe sem parar, tudo dói lá dentro. Estou como uma autômata. Por favor, o façam parar... Estou nervosa e excitada. Preciso dormir, mas tenho medo de cair no abismo escuro. Alguém, por favor, pode segurar a minha mão para que eu passe pelo túnel? Ah, finalmente...*

Sinto os dedos de minha mãe passando sobre mim. Agarro um deles com minhas mãos como se aquele dedo fosse minha tábua de salvação. Embalada por este calor, consigo finalmente dormir fora do útero pela primeira vez.

Depois da queda no sono abissal, acordo e há um paraíso me aguardando. Sou levada, roxa e cabeluda, ao colo macio de minha mãe. Puro amor, amor de mãe. Ela me aguardara muito. Coloco instintivamente minha pequena e ávida boca em sua teta fresca e quente, de onde jorrava um líquido viscoso e denso que descia pela minha garganta. Grito de susto.

- *Que é isso que entra quente pela minha garganta e que depois de cair em minha barriga me deixa tão calma, com as faces rosadas, em puro idílio?*

Não é do homem que jorra o leite da vida. É da teta da mulher.

Quando eu nasci, papai não estava lá. O motivo que encontrou para si mesmo era que tinha que fazer uma viagem urgente de trabalho. Então, estavam no hospital somente minha pobre mãe, parindo sozinha, e minha avó materna.

A ausência de meu pai no dia da minha estreia doeu fundo em mim, e por muito tempo. Mas, depois de anos investigando tal questão, a princípio enigmática, pude compreender seus motivos mais íntimos. É que meu pai tinha medo de amar.

- *Está bem, já sei o que você vai dizer ao me ouvir reclamar da ausência do meu pai, no dia do meu nascimento.*

Você deve estar pensando que eu estou caindo em contradição, pois disse acima que eu já sei que minha pobre existência não tem qualquer importância para o universo.

- *Mas pegue leve, né?*

Eu sou ainda uma criança desamparada que precisa sentir, mais do que tudo, que é amada pelos seus pais. Já disse que não somos nada importantes para este planeta tão árido de amor – e isso é a mais pura verdade – mas, para podermos aguentar o baque que é viver, alguém precisa estar receptivo, esperando pela gente. Nós precisamos ser o centro do universo para alguém, pelo menos no início.

- *Concorda?*

Ou você acha que é à toa que precisamos acreditar erroneamente que para tudo existe um centro? Pensa bem: Galileu, confirmando a descoberta de Copérnico de que a Terra não era o centro do universo, foi enviado à prisão perpétua e só conseguiu o perdão da Igreja depois de abjurar suas ideias. Os santos padres ficaram muito bravos porque estes sábios e corajosos homens estragaram a nossa ilusão de que éramos os seres mais importantes do universo e que tudo girava ao nosso redor. Mas depois, o que fizemos? Simplesmente transferimos o centro do nosso universo para o sol. E se eu lhe disser que universo não tem centro, que no caos não há centro?

- *Certo?*

Mas não tenho tempo para questões filosóficas. Devo voltar ao meu nascimento e lhe explicar como o meu pai, coitado, não deve ter aguentado tanto mistério. Por isso saiu correndo, assustado feito criança, no dia em que eu nasci.

Mas, para sua alegria ou espanto, eu nasci igual a ele.

- *O queixo é igual do pai*, disse minha avó em um tom velado de indignação, provavelmente porque queria que eu tivesse nascido com o queixo dela.

Já estou agora na segunda hora de vida e ainda continuo viva. Pelo menos pareço estar.

- Ufa...

- *Já percebeu como a vida é um constante risco de morte entre um minuto e outro? Cada minuto vivido é um milagre.*

Nestas duas horas de vida eu só sei fazer cinco coisas: mamar, dormir, defecar, fazer xixi e chorar. Sou exatamente como um outro bicho que acabou de nascer, exceto pelo fato de que ainda vou demorar uns dois anos para aprender a me locomover sozinha e a pegar as coisas por mim mesma.

Agora já estou na terceira, quarta, quinta hora de vida... E ainda continuo viva.

- *Acho que vou vingar. Devo ter nascido para alguma coisa importante.* Penso alegre.

Na quinta hora de vida, titia e titio ligam para saber se estou bem.

- *Sim, ela está bem. É uma linda e cabeluda menina,* diz a vovó.

Demorei a entender porque não gostava, já mais velha, que me cortassem os cabelos. Hoje eu sei: nasci cabeluda.

Sexta hora de vida, desespero total.

- *Ei, por favor, alguém me ajude aqui.* Digo berrando como posso. *Tem alguém querendo me morder.*

Movimento meu pequeno corpinho feito louca.

- *Chi, chi, chi. Calma, bebê,* diz minha mãe.

Meu pé direito havia se enroscado no macacão. Como é difícil ser criança pequena e viver em um mundo terrível repleto de bocarras cheias de dentes, de gargantas, de olhos devoradores de meninas. Destes medos terríveis a gente não se desapega nunca, nem mesmo nos sonhos. E não venha me dizer que isso é bobagem porque não é!

- *A vida é coisa que espanta. Nunca percebeu?*

Depois de dois dias naquele hospital – lugar horrível, cheio de luzes brancas – vou para a minha nova casa. Da primeira – o útero – tive que me despedir à força. Não queria, mas... paciência. Quando o milagre da vida se dá, óvulo e espermatozóide se encontram em um trilhão de possibilidades e ninguém nos pergunta se queremos ou não nascer.

Se fôssemos perguntados, talvez recusássemos e não haveria humanos para povoar a terra.

- *Já pensou?*

Ainda bem que isso é pura especulação. Muita escolha confunde. Já bastam todas as que temos que fazer pela vida.

Deixando o hospital, fomos direto para casa. Casa simples, construída com o esforço amoroso dos meus pais. Chão batido que minha mãe lustrava com cera vermelha, com braço forte. O teto não tinha forro.

Já maior, em minhas andanças de menina pequena, engatinhando como enceradeira, o macacão ficava vermelho nos joelhos e pés. Tudo muito simples, mas muito lindo.

Gosto de pessoas simples. Sempre gostei. Elas não têm medo de gente humana. Tenho medo de gente fascinada pelo luxo. Acreditam ser Deus.

Bom, agora que eu já nasci e sobrevivi aos arriscados primeiros anos da minha vida, posso respirar aliviada e você também.

O cigarro de papai

Se você acompanhou atentamente minha narrativa, saberá que meu pai não estava presente no momento da minha estreia no mundo. Isso me entristeceu por um tempo, até que anos depois – quando eu já estava com dez ou onze anos – recebi de presente de minha mãe alguns novos elementos para compreender meu enigmático pai.

Contou-me ela que papai era um assustado rapazote e que eram recém-casados quando eu nasci. Ele tinha apenas vinte e três anos e quase nenhuma experiência vivida.

Acontece que esse rapazote assustado, talvez por susto de viver, fumava muito, muito mesmo, antes de eu nascer. Fumava feito chaminé. Magrelo e cabeludo, com aquele cigarro no canto da boca, parecia uma espécie de personagem cavernoso saído direto de Woodstock, nos dizeres de minha mãe.

Completei a história por mim mesma e concluí brevemente que papai sempre se sentira um pouco monstruoso. Por isso é que se enfeia.

- Você já reparou, meu amigo, como algumas pessoas se enfeiam para afastar qualquer risco de amor maior?

Elas têm tanto medo que alguém descubra seus tesouros maiores e queiram amá-las – amar é um espanto – que se enfeiam até não poderem mais. Papai era uma pessoa assim. Sua barba cavernosa, feia de doer, era para tentar manter os seres humanos afastados. Talvez ele não tenha tido a sorte de ter um olhar amoroso para dizer que ele não era um monstro, mas uma pessoa incrível, boa e generosa.

- Então, por que papai estava viajando quando eu nasci? Era o que eu me perguntava.

Bem, uma pessoa mais prática vai dizer que ele precisava viajar. Estava a trabalho e como não mandei nenhum aviso sobre a minha estreia, ele não teve escolha e precisou ir. Está certo. Mas eu que não me contentava facilmente com verdades aparentes, tive que ir fundo em minha busca e encontrar uma resposta que fizesse sentido para mim. Encontrei a seguinte: acho que meu pai tinha muito medo de me ver e sentir algo bom nascendo no seu peito apertado e desajeitado para amar. Não sei. O fato é que, mesmo de longe, ele não aguentou: o amor e a alegria são contagiosos.

Mamãe me contou alguns anos depois, para tentar me curar deste sentimento de que papai não me amava, que ele teve um gesto lindo quando soube por telefone, exatamente à uma hora e vinte e oito minutos, que eu nasci: jogou seu cigarro acalmador de alma no lixo e nunca mais fumou.

- Quer gesto de amor maior que este?

Às vezes eu gostaria de poder ter existido como uma mosca ou uma parede só para poder presenciar esse momento-instante. Imagino a cena: meu pai, magrelo e com suas barbas cavernosas, andando de um lado para o outro do corredor do hotel sujo, aguardando aquele telefonema que mudaria para sempre a sua vida.

A partir daí comecei a ter mais paciência com ele e com sua limitação para amar.

Já pensou a agonia da espera e o medo tenebroso que sente uma pessoa que aguarda o nascimento de seu filho? Não é motivo para sair correndo? Aquele amor prestes a explodir no peito não é coisa de espantar? O confronto com o sinistro que é olhar para um ser que nasceu de si mesmo? Encontro com o espelho, talvez? A vida é muito misteriosa para ser explicada...

O fato é que papai, se tinha muito medo de amar, também era teimoso de doar. Talvez sua forma árida de mostrar amor fosse pela teimosia com que fazia cada coisa, cada realizar em sua vida. Por isso conseguiu se livrar do cigarro para sempre e provar seu amor por mim.

Em sua teimosia obstinada, certa vez meteu na cabeça que passaria dois meses sem comer embaixo de uma árvore. Acho que ele queria virar árvore.

Eu entendi o coração dele. Estava desacorçoado com o humano homem. Achava que ser árvore doía menos. Até que ele tinha razão! Às vezes cismava de virar algum bicho. E virava. Já consegui virar cavalo, coelho e até uma bicicleta.

- *Acredita?*

Deixava de tomar banho, de comer e de se pentear. Virava bicho que só. Meu pai era uma alma solitária e livre. Aprendi com ele a ser voadora, alma de pássaro.

O sábio Victor Hugo disse certa vez que o solitário é um selvagem, aceito pela civilização. Papai era assim. Teimoso e selvagem como um lobo. Quando metia uma coisa na cabeça, ninguém era capaz de tirar. Quantas pessoas você conhece que dizem: vou parar de fumar. E param. Simplesmente param. Eu conheço pouquíssimas e uma delas é o meu pai.

O ser humano faz promessas, mas falta a muitos deles a tenacidade e a força de caráter para cumprirem. Acabam, hipocritamente, mentindo para si mesmos.

- *Não, só mais um. Hoje é sábado. Na segunda-feira eu paro.*

Papai odiava esse tipo de hipocrisia humana.

Sábio esquisitíssimo esse meu pai.

